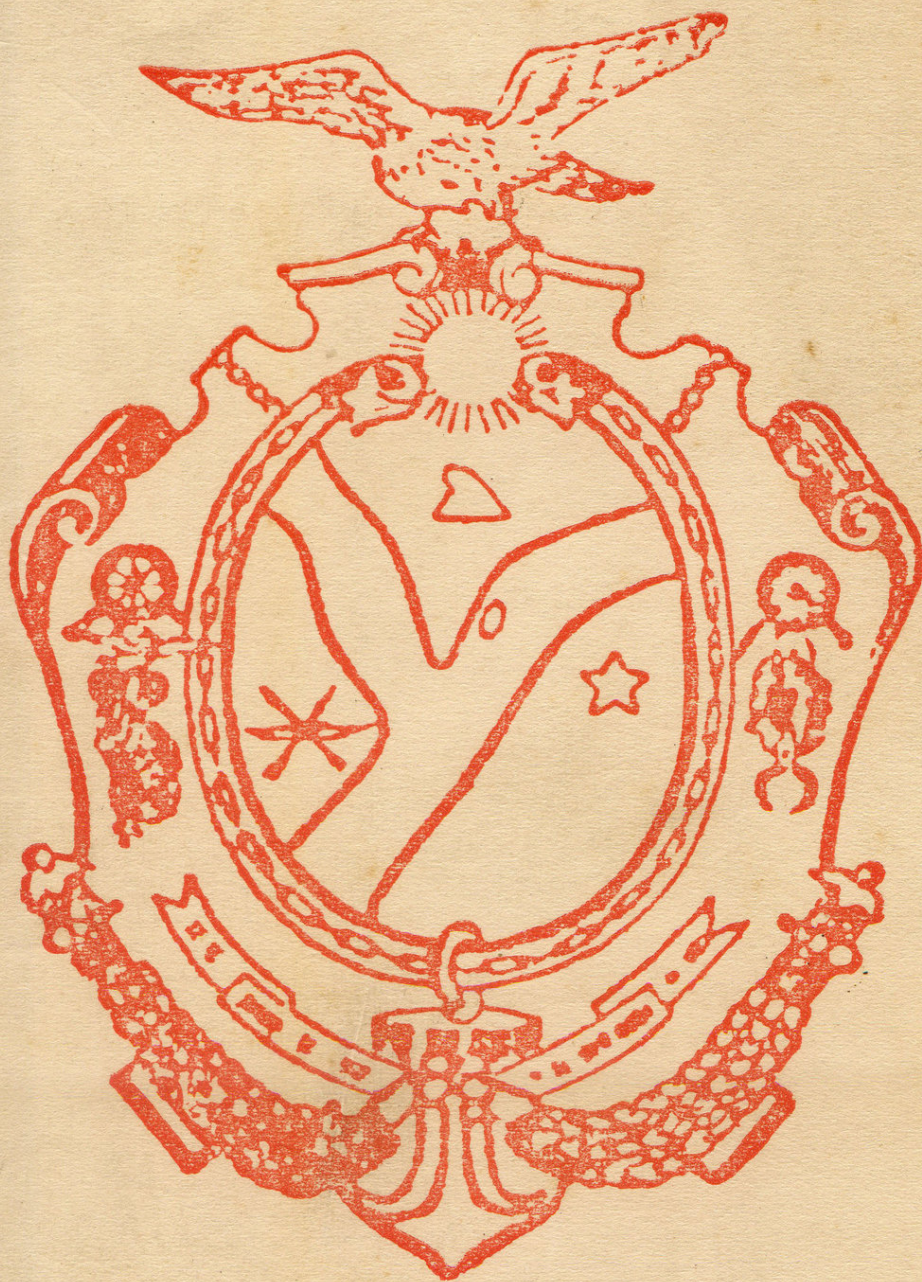




AMAZONENSES
EM
CANUDOS

Editado pelo Govêrno do Estado do Amazonas.

(D I T P E A)

Palácio Rio Negro

Manaus — Amazonas

1965

CANDIDO JOSÉ MARIANO

AMAZONENSES
EM
CANUDOS

BIBLIOTECA ARTHUR REIS
MANAUS - AMAZONAS

Manaus — Amazonas
1965

prefácio

Foi Euclides da Cunha, depois de reportagem que, a serviço de "O Estado de São Paulo", escreveu e só recentemente tomou permanência com o volume que José Olímpio editou, quem situou a explosão de Canudos na tecitura social que, realmente, permite a compreensão exata do episódio. No momento agudo da luta, em meio às paixões políticas que afligiam o país e não lhe permitiam, como é natural, ver de olhos abertos e raciocinar com serenidade para sentir e possuir a verdade, Canudos e o "Conselheiro" pareciam parte de uma tentativa, estranha, de restauração do Império. O fracasso da República estava visível e palpável. A restauração monárquica, restauração de um sistema que permitira décadas de paz interna, conquanto de progresso lento, rotineiro, sem a grandeza das mudanças dinâmicas, "democracia coroada" que marcou época no mundo sulamericano, agitado pela caudilhagem e pela anarquia, parecia, a muitos aspéctos, a solução certa, que tardava mas seria a correção de êrros e o êxito sôbre a experiência nova, tentada pelos soldados de Deodoro, de Floriano e pelos civilistas de Quintino, de Ruy, de Demetrio e de Silva Jardim.

Canudos, efetivamente, e os antropólogos culturais, os sociólogos e os pensadores e os pensadores políticos de hoje são unânimes em proclamar, não se pode inscrever na série de pronunciamentos políticos, do tipo daquêles em que o período regencial foi tão farto. Muito ao contrário, o exato é inscrevê-lo entre as manifestações de fanatismo religioso, de fundo

primário, como tão bem o localizou eminente pesquisadora paulista, manifestações que ela registrou em pormenores e na interpretação lúcida desejável. Canudos, se foi assim uma página triste de primarismo, explorado, sem exemplo, por agentes da desordem, constituiu realmente um incidente na luta social que se explica, entre nós, por todo um conjunto de circunstâncias e de fatores negativos, que começam no processo de conquista desordenada da terra, de formação indisciplinada da sociedade, no uso criminoso das riquezas que a natureza proporciona ou daqueles que o próprio colonizador impôs como produto de sua vontade sobre o meio que ele incorporou ao seu domínio, domínio realizado sem limitações e sem respeito pelos direitos do próprio Estado como poder controlador e organizador.

Para debelar o foco de insurreição, que se pretendia um perigo ao sucesso do movimento de 15 de novembro, mobilizou-se, não o corpo técnico que o enfrentasse e operasse o milagre da reacomodação social, da transformação do meio econômico e do lançamento das bases de um novo sistema de vida que autorizasse, também, a ascensão cultural, pondo fim às regras de um drama que não devia ser vencido pela força das armas. Mobilizou-se, justamente a força armada, na suposição de, como o ímpeto, a decisão dos movimentos bem planejados pelos comandos, a explosão estaria contida e vencida.

A empresa militar, tão bem exposta, como as raízes do episódio, por Euclides, por fim coroou-se de sucesso. Venceu a ação do exército e das forças policiais estaduais, entre estas a do Amazonas. Comandada pelo Coronel Cândido Mariano, a sua participação foi decisiva. O "Relatório" que, sobre a campanha escreveu o Comandante, agora se reedita em homenagem ao seu passado, no dia do seu aniversário, e como lição de bravura, serve bem ao conhecimento dessa atuação magnífica, que, a certos aspectos, foi decisiva para encerrar a sangueira entre irmãos. É preciso ler essas páginas, vasadas sem exaltação mas com amor e fidelidade à verdade, para

ter-se a sensação nítida do que foi a jornada final de Canudos e de como os soldados do Amazonas souberam comportar-se, criando, para a Corporação, os títulos, que tanto a devem orgulhar.

Reeditando o "Relatório", o Governo do Estado, com seu programa de redignificação do passado, nos ensinamentos que êle nos proporciona, deseja homenagear a Fôrça Policial do Amazonas. Mais — indicá-la, às gerações novas, como exemplo de disciplina, de ordem e de cumprimento do dever.

MANAUS, abril de 1965.

ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS

Relatório apresentado pelo Tenente Coronel

Cândido José Mariano

em 15 de dezembro de 1897.

Conforme a determinação do Govêrno do Estado, tomada a 1.º de agosto do corrente ano e transmitida pelo Comando Geral, teve o 1.º Batalhão de Infantaria ordem para estar pronto para embarcar ao Estado da Bahia, a fim de se incorporar às fôrças expedicionárias que combatiam pela estabilidade das instituições vigentes e manutenção da ordem, nos sertões daquele Estado, notadamente em Canudos, que se constituira o núcleo central dos rebeldes chefiados pelo fanático Antonio Conselheiro.

Em obediência à ordem do Govêrno, o Batalhão, com um efetivo de 249 praças de pré e 24 oficiais, embarcou para o seu destino a 4 de agosto no vapor "Botelho", pertencente aos Srs. A. Berneaud & Cia., posto à disposição do Govêrno do Estado para conduzir a tropa amazonense até o Pará.

Neste último ponto, depois de demorar-se por espaço de 24 horas, o Batalhão fêz o seu transbordo para o transporte de guerra "Carlos Gomes", que, depois de ter feito escala pelos portos do Maranhão e de Recife, aportou à Capital do Estado da Bahia em 21 do mesmo mês de agosto.

Nessa Capital, tendo desembarcado o Batalhão e aquartelado no forte de S. Pedro, êste Comando apresentou-se à S. Excia. o Sr. Ministro da Guerra, que então se achava na Bahia, em vésperas de partir para o teatro das operações.

Conforme a ordem de S. Excia., fêz êste Comando recolher ao Arsenal de Guerra da Bahia todo o armamento sistema Comblain, que levara do Amazonas, tendo em troca recebido igual número de armas sistema Mauser, de 8m007 de calibre, de repetição, modelo adotado para uso da infantaria do Exército Nacional.

Também do Arsenal de Guerra recebeu o Batalhão diferentes peças de fardamento e equipamento de que se achava necessitado, apesar de ter na sua passagem pelo Pará recebido dos fornecedores da Fôrça dêste Estado, Adelino Arantes & Cia., algum fardamento para as praças de pré, constante das contas que os mesmos posteriormente apresentaram ao Govêrno do Estado e que foram pagas pontualmente.

A 30 de agôsto embarcou o Batalhão para os sertões bahianos servindo-se da Estrada de Ferro Central da Bahia até a estação de Alagoinhas, e desta estação a de Queimadas, do prolongamento da mesma estrada de ferro. Chegando a Queimadas no mesmo dia da sua partida da Bahia, depois de 14 horas de viagem, o batalhão acampou próximo a povoação e tratou de apresentar-se de modo a poder, com a máxima urgência, seguir para Canudos, seu objetivo final.

Na Capital do Estado da Bahia ficaram algumas praças em tratamento nos hospitais militares e um Alferes, que na véspera do embarque do Batalhão fôra eliminado das fileiras do mesmo, à vista do seu mau comportamento habitual. O mesmo já acontecera no pôrto do Recife, no qual êste Comando teve o desgôsto de mandar, em ordem do dia, expulsar um outro Alferes que muito propositadamente pedira licença para baixar à terra e aí se deixara ficar, faltando à partida do transporte de guerra e às mais rudimentares noções de disciplina e pudor militares.

Partindo o Batalhão de Queimadas, em 4 de setembro, dentro de poucos dias, depois de penosas marchas, chegou a Monte-Santo, pequena cidade do sertão e que servia de

base às operações das forças expedicionárias em campanha. Aí foi ele incorporado à Brigada comandada pelo Sr. Coronel João Cezar de Sampaio, composta do 4.º, 28.º, 29.º e 39.º Batalhões de Infantaria do Exército.

Conforme determinaram os cidadãos Ministro da Guerra e General Carlos Eugênio de Andrade Guimarães, este Comandante da divisão auxiliar e da 2.ª coluna em operações, deixou o Batalhão de fazer parte da Brigada Sampaio e passou a pertencer à Brigada Policial, comandada pelo Sr. Coronel José Sotero de Menezes, e que ficou sendo composta do 1.º e 2.º Batalhões da Polícia do Pará, do 1.º Batalhão da Polícia de S. Paulo (já em Canudos havia dias) e do 1.º Batalhão do Amazonas.

A Brigada policial teve ordem de seguir em primeiro lugar para Canudos, o que muito gostosamente ela cumpriu, saindo de Monte-Santo com aquêlê destino a 13 de setembro. A 16 do mesmo mês, depois de penosíssima viagem, lutando com a escassez de alimentos, a falta d'água, em condições de ser ingerida e sob um sol abrazador, num terreno pedregoso e inteiramente desprovido de vegetação que pudesse trazer algum refrigério aos soldados e animais de carga, sendo a pouca que havia composta exclusivamente de espinhos de tôda a qualidade, chegou a Brigada ao alto da Favela, em frente à povoação maldita de Canudos, antro dos bandoleiros e assassinos que tantas vítimas já tinham feito aos nossos irmãos de armas e de crenças — os heróicos oficiais e soldados do Exército Brasileiro.

Nesse ponto, o Coronel Comandante da Brigada teve ordem para fazer avançar para dentro de Canudos o Batalhão do Amazonas, conservando os outros dois da sua Brigada de guarda à artilharia do 5.º regimento, na bateria denominada "7 de Setembro", e a guarda existente na retaguarda do Morro da Favela.

Cumprida a ordem, desceu o Batalhão Amazonas, alegre cèleremente para dentro do reduto de Antonio Conselheiro e foi abarracar em uma gruta, digo garganta, situada entre morros de pequena elevação, junto do Quartel-General do Comando em Chefe e do Quartel do Comando da 1.^a coluna. Dessa posição, alvejado constantemente pelas balas dos fanáticos e rebeldes, o Batalhão começou a sua aprendizagem no fogo e nos sacrifícios de tôda ordem pela República. Era então Comandante em Chefe o Benemérito Republicano, General de Brigada Arthur Oscar de Andrade Guimarães, e Comandante da 2.^a coluna o intrépido, valoroso e honrado General João da Silva Barbosa.

O Batalhão que seguira de Manaus, sem médico efetivo por ter se escusado ao cumprimento do seu dever o facultativo a quem competia acompanhá-lo, trouxe consigo o Dr. Juvenal Cordeiro, ilustre republicano que se ofereceu para partilhar dos perigos e sofrimentos do Batalhão, sem que tivesse obrigação de fazê-lo. Sendo aceito o seu generoso oferecimento, êle solicitou dêste Comando o favor que não lhe podia ser negado, de ficar alguns dias no Pará, comprometendo-se a seguir para a Bahia no primeiro vapor que saísse para o Sul da República, para alí se encontrar com o Batalhão. Muito razoavelmente alegava o ilustre facultativo a necessidade que tinha de tomar algumas disposições no Pará, onde tinha a sua família, antes de partir para o teatro de luta. Atendido no que solicitava, ficou o Dr. Cordeiro naquele pôrto, seguindo o Batalhão sem o médico até a Bahia, o que não trouxe grande inconveniente, porquanto aos nossos inferiores foram dispensados a bordo do "Carlos Gomes", todos os cuidados, pela sua digna e brilhante oficialidade e pessoal do corpo de saúde naval. Tendo o Batalhão seguido para Canudos, antes que tivesse chegado à Bahia o vapor do Lóide Brasileiro, que conduzia o nosso médico, teve de resignar-se a passar sem o seu eficaz auxílio e cuidados, até o seu objetivo final, que era

incorporar-se às forças do Exército, em operações nos sertões bahianos.

Daí proveio grande parte dos sofrimentos porque passou o Batalhão que tendo muitas das suas praças e oficiais acossados pelas febres, malária, tifo e diarréia, não tinha médico que lhe dispensasse os cuidados de que os mesmos careciam. Infelizmente, as circunstâncias que concorriam ao tempo de que falamos eram tais, que o Batalhão não podia apelar para os outros médicos militares e civis existentes em Canudos, pois êsses eram em tão pequeno número que mal podiam tratar e pensar nos feridos que atulhavam o hospital de sangue.

Nessa posição conservou-se o Batalhão até o dia 23 do mesmo mês no qual, pela manhã, seguiu sob a direção técnica do Sr. Tenente-Coronel José Siqueira Menezes, chefe da Comissão de Engenheiros das forças em operações, para a retaguarda da povoação, com direção das, digo, da estrada da Uauá, que atravessava zonas ainda não percorridas nem ocupadas pelas forças legais, e que penetrava em Canudos por um lado que então estava completamente de posse do inimigo.

Devo fazer notar que até êsse dia, as nossas forças ocuparam em Canudos efetivamente número pouco superior a 600 casas, situadas tôdas no Bairro da "Caridade", como o denominavam os rebeldes jagunços, e, no entanto, o núcleo rebelde, Canudos tinha construídas dentro do seu seio 5.235 casas, conforme verificou uma comissão que posteriormente foi nomeada para a sua contagem, pelo Sr. General em Chefe.

Daí se pode inferir a nossa fraqueza na ocasião em que chegamos ao teatro da luta, não que nos faltasse boa vontade e audácia para terminar de vez a luta fratricida, pois essas, nós as possuíamos de sobra nos nossos soldados, mas por causa do mau passadio, da péssima alimentação, e da falta de prática e conhecimento do terreno por parte

dos nossos. Demais, tudo se rebelava contra as patrióticas intenções dos chefes militares da coluna, que sòmente podiam contar com o valor, abnegação e civismo das tropas que comandavam. Felizmente o Batalhão Amazonas, encarregado exclusivamente de seguir na perigosa e árdua missão de tomar a estrada do Uauá, aonde constava estarem os jagunços dispostos a receberem as fôrças legais com tôda a galhardia e a maior resistência, ainda não se achava alquebrado moralmente e para lá seguiu sem murmurar, còncio que cumprindo o seu dever, fòssem quaisquer as contingências da luta, concorreria para honrar o nome do Estado do Amazonas e à respectiva benévola do benemérito Governador do Estado.

Pouco mais de uma hora depois de ter partido por entre caminhos pedregosos e caatingas apossados pelo inimigo, foi o Batalhão acometido de dentro do mato por cerrada fuzilaria, a qual êle respondeu do mesmo modo, avançando a passo de carga, pronto a atacar como a de defender-se, conforme determinassem as contingências do combate.

Os jagunços, vendo o ímpeto e a resolução com que avançaram os nossos soldados, que não se intimidavam com as suas balas, apesar de serem na sua maioria homens bisonhos e inexperientes de situações tão críticas, trataram de retirar-se apressadamente, entregando-nos a formidável posição que ocupavam, formada de trincheiras naturais, sôbre morros que ficavam a cavaleiro das nossas posições.

O Batalhão continuou a avançar, carregando a baioneta, até que a pouco mais de mil metros de distância, tendo atravessado o rio Vasa-Barris, encontrou a tão celebrada estrada do Uauá e as primeiras casas de Canudos por êsse lado. Tomar posse das casas, do rio e da estrada, foi obra de um momento para os soldados amazonenses que dêsse modo firmavam a sua reputação de valentes e corretos entre as fôrças que assediavam Canudos pelo outro lado.

Este Comando tratou imediatamente de se assenho-
rear por completo da posição e de nela se entrincheirar
à espera de reforços que foram pedidos ao general em
chefe pelo referido coronel Siqueira de Menezes, logo que
pôde levar ao general a bôa nova da nossa vitória tão
desejada quanto bem sucedida.

Daí a poucas horas chegou para nos reforçar o 32.º
Batalhão de Infantaria, composto unicamente de 80 praças
e a ala esquerda da Polícia de São Paulo, composta de pouco
mais de cem praças.

Essas fôrças combinadas com as dêste Batalhão e
tôdas subordinadas a êste Comando, passaram a noite guar-
necendo as posições conquistadas e que ficavam à retaguar-
da de Canudos, do qual distavam dois mil metros aproxi-
madamente. Durante a noite tivemos frequentes vêzes de
repelir o inimigo que ferozmente nos atacou, não deixando
repousar um só instante os nossos soldados.

No correr do dia 23, nas horas que se seguiam ao
combate e em que se estabeleceu uma calma relativa, teve
êste Comando ocasião de apreciar a posição que tinha
conquistado à custa dos esforços das fôrças do Amazonas;
verificou então que estava definitivamente ocupada por
nós a estrada mais importante que tinham os jagunços
para se aprovisionarem de munições de guerra e de bôca, e
que, quanto à sua posição topográfica, ocupava justamente
o arco extremo de uma elipse no centro da qual se achava
Canudos. À direita e a esquerda da nossa posição haviam
intervalos mais ou menos iguais, absolutamente desocupa-
dos por fôrças regulares, e que iam determinar-se à direita
na serra do Cambaio, e à esquerda, no referido Bairro da
Caridade de onde partíramos pela manhã.

Ao amanhecer do dia 24, depois de uma noite de
completa vigília chegou até a nossa posição uma fôrça do
24.º Batalhão de Infantaria, que veio reforçar a nossa
linha, muito delgada e muito extensa e por isso mesmo,

susceptível de ser atacada e rompida a qualquer momento pelo inimigo que, audaz e astuto, podia atacar-nos em massa num ponto tal, que a extensão a percorrer em socorro dos camaradas não as permitissem chegar a tempo de livrá-la do perigo e talvez da derrota.

Com o feito da estrada de Uauá o Batalhão amazense teve a ventura de fechar o sítio de Canudos, pelo que lhe coube especial menção em ordem do dia do Comando em Chefe. Daquele dia em diante os fanáticos rebeldes só poderiam sair de Canudos e penetrar na povoação, servindo-se das trilhas e verêdas existentes entre as serras, e somente próprias para o trânsito de cabras e homens a pé.

A 24, às 8 horas da manhã, teve o Batalhão ordem de avançar juntamente com as outras forças que se achavam consigo, para Canudos, e dêsse modo estreitar mais o sítio que ainda se achava com as suas linhas muito fracas, circunscrevendo uma área muito grande.

Cumprindo a ordem, o Batalhão e as demais forças avançaram em acelerado, sob um chuveiro de balas inimigas, carregando baionetas e tudo levando por diante em sua passagem. Felizmente, poucas vítimas tivemos a lamentar nesse dia, não pertencendo nenhuma a este Batalhão. Chegados a Canudos, os Batalhões que compunham a nossa força, depois de rechaçarem o inimigo, tomaram-lhe para mais de seiscentas casas e quando paravam em sua investida, podiam, à direita e à esquerda, dar o braço às forças que ali existiam anteriormente. Dêsse modo ficou completamente estabelecido o sítio da povoação que, por essa forma, em grande parte já se achava em nosso poder. Em consequência da jornada gloriosa de 24, foi o Batalhão contemplado muito dignamente na ordem do dia do general Comandante em Chefe da 1.^a Coluna.

A 25 de setembro, sem ter tido ordem de quem quer que fôsse, o Batalhão do Amazonas, de combinação com o 38.^o e 24.^o e a ala esquerda da Polícia de São Paulo,

bem como o 32º de Infantaria, avançou resolutamente para a frente, através de perigos extraordinários e das ruas de Canudos, e depois de porfiadíssimo combate, sustentado tenazmente pelo inimigo, conseguiu, auxiliado pelas fôrças já citadas, tomar dos jagunços perto de duas mil casas, tôdas ocupadas pelos fanáticos, que faziam de cada uma verdadeira fortaleza, donde resistiam até a morte. Mais de cem talvez pagaram aí com a vida a afouteza de suas opiniões e o seu fanatismo vilmente explorado pelos covardes monarquistas do resto do Brasil.

Em virtude do sanguinolento combate de 25, o Batalhão veio tomar posição e fixar a sua linha de sítio a pouco mais de duzentos metros à retaguarda da igreja nova, reduto central dos rebeldes. Assim ficou reduzidíssima a área do sítio de Canudos e estava por dias sòmente a terminação de tão horrível luta, que tantas vítimas fizera nas fôrças republicanas.

De 25 a 1.º de outubro, de dia e de noite, hora por hora, teve o Batalhão de sustentar renidíssimo tiroteio com os jagunços, que se viam então acossados pelas nossas balas e pelo incêndio, pois durante êsse curto lapso de tempo foram queimadas mais de duzentas casas, muitas das quais ainda eram por êles ocupadas.

A 1.º de outubro, tendo o General em Chefe ordenado um grande ataque ao reduto central, pela Infantaria do Exército, que nos últimos combates descansara, êste realizou-se, tendo ficado de posse das nossas fôrças a igreja nova, a velha e grande número de casas de inimigos, ficando êste inteiramente privado de obter água para beber e cozinhar, visto ter perdido, por completo, o Rio Vasa-Barris, de onde tirava o precioso líquido. No horrível combate do dia 1.º de outubro, as nossas fôrças perderam mais de 300 homens mortos, entre os quais alguns chefes de nomeada, e creio que número superior a 300 feridos. O Batalhão, que nesse dia pensou descansar um pouco das lides da

guerra não pôde fazê-lo, pois achavam-se tão próximo do lugar de ataque que se viu na contingência de auxiliar os companheiros do Exército, pelo que perdeu alguns homens, mortos e bastante feridos.

A 5 de outubro, depois de uma resistência louca, digna de melhor causa, o inimigo sitiado pela sede que nele se fazia sentir horrivelmente, pela fome, pelo incêndio e pelas balas, entregou-se de vez ou antes deixou de se fazer ouvir pelo estampido dos seus bacamartes e detonações de suas armas, porquanto tinham perecido na luta todos os seus homens válidos, e quando as nossas fôrças penetraram no seu último esconderijo, alí se encontrou um montão de cadáveres de homens, mulheres e crianças que foi avaliado em número superior a oitocentos ! O Batalhão do Amazonas, tanto ou mais que nenhum outro concorreu brilhantemente para o êxito final, batendo-se abnegadamente e heroicamente, sem visar interêsse de ordem alguma, e auxiliando por todos os modos o General em Chefe a debelar tão nefanda quanto desgraçada revolta.

Tendo se tornado pestilencial o ar que se respirava em Canudos, devido ao mau cheiro que exalavam os inúmeros cadáveres em putrefação, êste Comando solicitou licença do General em Chefe para retirar-se para a capital do Estado, visto supor terminada a missão do Batalhão naquelas paragens. A isso acedeu o Sr. General, concedendo a permissão pedida e desligando o Batalhão das fôrças em operações.

A 7 de outubro, partiu o Batalhão do teatro da luta, levando consigo a mágoa de ter naquele solo ingrato deixado sepultados alguns de seus membros que trouxera do Amazonas e que atestaram exuberantemente o seu valor e patriotismo.

Em sua volta, o Batalhão conduziu em padiolas feitas de ramos de árvores, os soldados feridos, alguns dos quais

em estado bem grave e tendo sofrido amputações motivadas pelas balas inimigas.

Por isso mesmo a volta tornou-se mais penosa do que a ida, pois vinham todos alquebrados pela fadiga e febres infecciosas que muito abätiam os organismos e ao espírito.

Chegados a Monte-Santo, aí encontramos S. Excia. o Ministro da Guerra, que declarou a êste Comando que nenhum vencimento tínhamos a receber pelo Govêrno Federal, relativo aos meses decorridos, — agôsto, setembro e aos mais em que estivéssemos fora do Amazonas, — visto ter o Govêrno dêste Estado telegrafado, declarando-lhe que o Batalhão em seus vencimentos, seria pago exclusivamente pelo Estado do Amazonas.

À vista de semelhante fato, o Batalhão partiu no mesmo dia com direção a Queimadas, tendo deixado em Monte-Santo os feridos que com grande sacrifício, trazia em padiolas, e isto porque não tendo médico nem sendo-lhe fornecido pelo Govêrno Federal, não queria êste Comando acarretar com a responsabilidade da condução de feridos que, a cada momento, podiam piorar e falecer.

Em Monte-Santo terminou os seus dias o comandante da 2.^a Companhia dêste Batalhão, Capitão Talismã Guiomar Floresta, que tinha ficado nessa localidade quando o Batalhão dalí partira para Canudos, por estar atacado de febre tífica, da qual veio a falecer a 29 de setembro no Hospital Militar. Tendo seguido dêste Estado para Canudos, por sua espontânea vontade, o capitão Talismã que pertencia ao 2.^o Batalhão da Fôrça Policial, portou-se sempre disciplinarmente e revelou excelentes qualidades militares.

Tendo chegado à capital do Estado da Bahia a 14 de outubro, em companhia do 5.^o Batalhão da Fôrça Policial daquele Estado, foi o Batalhão recebido pelo Govêrno e pelo povo e imprensa bahiana, com as mais delirantes ovações e excepcional hospitalidade.

Cobertos de flôres e cercados de simpatias, os nossos soldados, que voltavam dos sertões — andrajosos e enfêrmos, davam por bem empregado o tempo que tinham sacrificado pela República e pela honra nacional.

Na Bahia, êste Comando teve ocasião de ser recebido em palácio pelo Exmo. Sr. Dr. Luiz Viana, digno Governador do Estado, ao qual o Batalhão deve os mais gentis oferecimentos, que não foram aceitos.

No dia de sua chegada foi êste Comando, bem como a officialidade do Batalhão, distinguida com um banquête em Palácio, ao qual só poderiam comparecer o Comando e o ajudante, visto os demais oficiais se acharem muito fatigados da viagem e ainda à procura de roupas convenientes para saírem do Quartel que, como da nossa primeira estada na Bahia, era o Forte de São Pedro.

Por ordem de S. Excia. o Sr. Ministro da Guerra, que poucos dias depois chegou de Monte-Santo, êste Comando mandou recolher ao Arsenal de Guerra, todo o armamento Mauser, que dêle recebera em agôsto, e receber o armamento "Comblain", que lhe pertencia e que trouxera do Amazonas.

Embarcado no transporte de Guerra "Carlos Gomes", a 23 de outubro, o Batalhão partiu nesse dia para o Amazonas, tendo chegado ao Pará a 1.º de novembro, depois de ter feito escala pelo pôrto de Fortaleza, capital do Estado do Ceará.

No Pará, tanto na ida como na vinda, foi êste Batalhão recebido gentilmente pelo Benemérito cidadão José Paes de Carvalho, que tão corretamente governa aquêlê Estado belo e futuroso. A êste Comando e aos oficiais, S. Excia. cavalheiro como sabe ser, dispensou tôda a sorte de considerações, tornando-se credor da nossa gratidão, e da estima e respeito do Govêrno e povo amazonenses, que incompetentemente, alí representávamos.

Tendo o Govêrno Federal ordenado ao comandante do transporte "Carlos Gomes", que nos deixasse no Pará, o Governador, Dr. Paes de Carvalho, providenciou imediatamente para que fôssemos transportados sem demora, oficiais e praças, para Manaus, para o que conseguiu fretar, por conta do Govêrno Federal o vapor "Cidade do Pará", pertencente à Casa Marques Braga & Cia.

Não fôra a benevolência de S. Excia. creio que o Batalhão teria ainda que sofrer bastantes dissabores, graças ao singular modo de retribuir os nossos esforços por parte do Govêrno Federal.

Chegados a Manaus, a 8 de novembro, os soldados amazonenses ao experimentarem as alegrias do regresso, viram o povo inteiro desta capital, tendo à sua frente os chefes do Govêrno Estadual, recebidos de braços abertos, cobrí-los de flôres, com aplausos espontâneos.

Ao terminar a sua missão, cabe a êste Comando o dever de agradecer os relevantíssimos serviços prestados à República e ao Batalhão, pelos beneméritos patriotas Rafael Machado e Demétrio de Melo Oliveira, que espontâneamente partiram desta capital, com as fôrças do Amazonas e souberam honrar o nome dêste glorioso Estado. Os demais oficiais e praças portaram-se com extrema bravura e patriotismo, a êles êste Comando, já galardoou, na medida de suas fôrças, promovendo em Comissão seus inferiores, aos primeiros postos, e recomendando, em ordem do dia, à consideração do Govêrno os restantes.

Da quantia de 40:000\$000 de reis, que êste Comando teve em seu poder, pertencente ao Estado para quaisquer despêsas imprevistas, que fizesse com o Batalhão durante a sua ausência do Amazonas, foi dispendida a quantia de 14:473\$000, restando ao Comando a quantia de 25:527\$000, que está sendo processada devidamente pelo Tesoureiro, para poder dar quitação a quem de direito.

De 249 praças, que partiram para Canudos, morreram em combate ou em consequência de ferimentos, nove praças, pereceram de moléstia, na Bahia, duas praças, desertaram e se extraviaram 15 praças e faleceram em Manaus, de moléstias adquiridas em campanha, três praças.

Dos oficiais, foram eliminados por mau comportamento dois Alferes, faleceu de moléstia adquirida em campanha um Capitão e voltaram para o Amazonas 26 oficiais incluídos os seis ultimamente promovidos.

Das praças de pré, foram feridas levemente e contusas 15 e gravemente — 8.

Terminando êste, peço ao Govêrno relevar qualquer falta da parte do Comando do Batalhão, no desempenho da honrosa missão de que foi incumbido, e dispor em qualquer eventualidade de seus serviços de soldado e de cidadão.

Manaus, 15 de dezembro de 1897.

CÂNDIDO JOSÉ MARIANO
Tenente-Coronel — Comandante

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA EDITÔRA SERGIO CARDOSO
NA RUA JOAQUIM SARMENTO, 78
MANAUS — 1965

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.



**ACERVOS
DIGITAIS**

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com



**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM**